

A DEFICIÊNCIA A PARTIR DO OLHAR DAS CRIANÇAS DO PROJETO DE EXTENSÃO “CAPOEIRA INCLUSIVA: GINGANDO E SUPERANDO”

João Paulo Cunha Ribeiro¹

Lana Ferreira de Lima¹

Timóteo Pereira Cruz²

¹Laboratório de Atividade Física Adaptada e Grupos Especiais - Curso de Educação Física - Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

²Universidade Federal de Jataí (UFJ)

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de investigação a deficiência, mais especificamente tratará da temática a partir do olhar das crianças participantes do Projeto de Extensão “Capoeira Inclusiva: Gingando e Superando” desenvolvido pelo Laboratório de Atividade Física Adaptada e Grupos Especiais (LAFAGE), do Curso de Educação Física, na então Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão (UFG/RC), atualmente, Universidade Federal de Catalão.

Sabino (2014) salienta que as noções de superação e espanto (em relação à capacidade alcançada na realização de um movimento) estão presentes na prática da capoeira por pessoas com deficiência. Isto porque, mesmo com sua limitação, elas conseguem realizar os movimentos corporais dentro de suas possibilidades, respeitando-se a sua individualidade. Nessa perspectiva, Omote (1994) ressalta a importância de se buscar compreender como os sujeitos não deficientes (nesse estudo em específico, as crianças) interpretam as deficiências, organizam suas percepções em relação a elas e constroem suas relações interpessoais com as pessoas com algum tipo de deficiência. De acordo com o autor, estudos nessa área, que se preocupam com as relações sociais e a diversidade humana, podem ampliar a compreensão sobre pessoas com e sem deficiência.

Considerando o exposto, objetivou-se com essa investigação conhecer a compreensão de deficiência a partir do olhar das crianças sem deficiência, participantes do Projeto de Extensão “Capoeira Inclusiva: Gingando e Superando”, desenvolvido pelo Curso de Educação Física da UFG-RC. Mais especificamente, pretendeu-se: a) verificar como as crianças que não possuem deficiência a retratam; b) caracterizar as relações entre crianças com e sem deficiência durante a aula de capoeira, de acordo com o olhar das crianças sem deficiência; c)

identificar a percepção das crianças sem deficiência acerca de suas experiências com os colegas que possuem deficiência e que participam das aulas de capoeira.

METODOLOGIA

Esse estudo caracterizou-se como uma investigação qualitativa, de abordagem descritivo-exploratória, cujo foco está na análise do universo de significados, crenças e valores dos participantes (MINAYO, 2002).

A população da pesquisa centrou-se em oito alunos sem deficiência, sendo quatro meninos (Nagô (7a.), Charm (7a.), Camisa (8a.) e Morcego (8a.)) e quatro meninas (Juma (10a.), Gigi (12a.), Yara (12a.) e Moema (12a.)), com idade de sete a doze anos. Cabe esclarecer que, buscando garantir o anonimato das identidades das crianças que participariam da pesquisa, escolhemos nomes fictícios para elas, partindo de nomes das professoras e dos mestres ligados a ABADÁ Capoeira seguidos de suas respectivas idades.

Para a coleta de dados utilizamos duas técnicas: a observação e o Grupo Focal (GF), durante o qual seguimos um roteiro de perguntas semiestruturadas e as crianças produziram desenhos sobre os quais dialogaram conosco. A análise dos dados baseou-se no método de análise de conteúdo (GOMES, 2002).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere a compreensão de “deficiência” observamos que as crianças tiveram dificuldades para elaborar uma definição clara sobre o tema ou mesmo não souberam responder à questão. Porém, foi possível identificar na fala de duas delas que a compreensão que têm acerca de deficiência está ligada a questões física ou mental, como é possível verificarmos na seguinte fala: “*Pra mim deficiência é algum tipo de problema, tem o físico ou mental*” (Gigi, 12a.). Já para Nagô (7a.) deficiência se refere à pessoa “*que não sabe andar e nem sabe falar*”.

Entendemos que esta visão da deficiência apresentada pelas crianças está ligada ao modelo biomédico de deficiência, ainda fortemente presente no meio social, no qual esta é compreendida como uma lesão no corpo adquirida primariamente por meio de uma doença, ou como consequência dessa (FRANÇA, 2014). Portanto, a compreensão e visão sobre deficiência, explicitadas pelas crianças, refletem o meio social no qual estão inseridas, onde o olhar sobre a deficiência ainda se pauta, majoritariamente, nos aspectos físicos, sejam estes motores,

visuais, auditivos, sem que se tenha a conscientização necessária, referente ao debate inclusivo e da diferença.

Destacamos que algumas crianças relataram situações em que associavam a pessoa com deficiência a adjetivos positivos como: bom amigo, bom colega, pessoa de fácil interação, pessoa divertida, pessoa brincalhona e que necessita de ajuda. Esse fato ocorreu devido algumas das crianças (Yara e Moema) informarem que tinham contato/convivência com pessoas com deficiência dentro de sua família e, também, na escola, o que fez com que elas criassem laços.

A compreensão de pessoa com deficiência apresentada pelas crianças deste estudo (associada a atitudes positivas, tais como, disponível para brincar e ajudar, bom amigo e colega) diverge daquela que a sociedade, normalmente, possui e difunde e que muitas vezes associa as pessoas com alguma deficiência às características negativas ou pejorativas como fragilidade, incapacidade, fraqueza e agressividade, e associa a esse grupo ações de auxílio, ajuda, o fazer por ele, realizadas espontaneamente quando há necessidade.

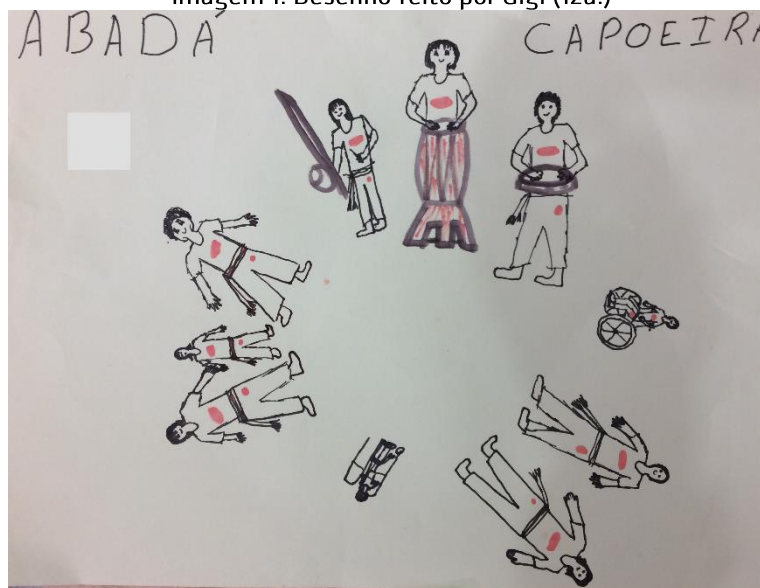
Este entendimento nos mostra como o processo de inclusão das pessoas com deficiência nos diversos espaços da sociedade, principalmente na escola, pode desenvolver relações de acolhimento e afetividade entre pessoas com e sem deficiência.

O que apreendemos com o primeiro momento de coleta de dados é que, no geral, as crianças aqui investigadas ainda se encontram no processo de construção de suas compreensões e visões sobre “deficiência”, o que de certo modo evidencia o desconhecimento por parte das crianças sobre o referido conceito. Ressalta-se, ainda, que isso é percebido mesmo entre as crianças que disseram conviver/se relacionar (seja no ambiente familiar ou escolar) com pessoas que apresentavam alguma deficiência.

Por meio do desenho individual que propusemos às crianças, durante a realização do GF, verificamos algumas informações acerca do relacionamento que elas estabeleciam com seus colegas com deficiência durante as aulas de capoeira. Foi possível compreender a partir das verbalizações das crianças sobre seus desenhos, que grande parte delas, cerca de cinco (sendo Gigi, 12a.; Juma, 10a.; Camisa, 8a.; Nagô, 7a. e Charm, 7a.) quando solicitadas que desenhassem a roda de capoeira do projeto, incluíram na produção gráfica seus colegas que possuíam deficiência, até mesmo desenhando características individuais como o andador e a cadeira de rodas que os colegas usavam. Isto demonstra a relação de amizade existente entre as crianças com e sem deficiência. Destaca-se, principalmente, a Gigi (12a.) que em seu desenho buscou representar participantes com deficiência que participaram do projeto desde seu início. Apenas Morcego (8a.) não representou em seu desenho nenhum colega com

deficiência, talvez pelo fato de participar do projeto há apenas seis meses. Ao perguntar se estava faltando algum colega para ser desenhado, Gigi (12a.), Camisa (8a.), Charm (7a.), Juma (10a.) e Morcego (8a.) disseram que já haviam desenhado todos.

Imagem 1: Desenho feito por Gigi (12a.)



Fonte: Do autor, 2017.

Entretanto, cabe ressaltar que em quatro das produções gráficas das crianças sem deficiência não foi possível identificar os colegas com deficiência que eles apontavam ter desenhado. Apenas no desenho de Gigi (12a.) foi possível visualizar pessoas com deficiência. Assim, somente foi possível reconhecer os colegas com deficiência através das verbalizações das crianças, aspecto este que nos mostra a importância da verbalização sobre o desenho, pois a partir disso é possível ter acesso aos sentidos que o sujeito atribui à sua produção (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008).

Quando perguntamos às crianças se no momento em que estavam na roda de capoeira todas jogavam iguais e/ou realizavam movimentos iguais, cinco crianças (Gigi, 12a.; Juma, 10a.; Charm, 7a.; Morcego, 8a. e Camisa, 8a.) nos forneceram uma resposta negativa, apontando que durante o jogo de capoeira todos os colegas (com e sem deficiência) faziam movimentos diferentes, como podemos ver nesta fala: “*porque fazemos movimentos diferentes*” (Juma, 10a.). Referente a essa indagação Camisa (8a.) se levantou e executou dois movimentos da capoeira (um de ataque e outro de defesa) com o objetivo de nos apresentar as diferenças nos movimentos que ocorrem durante o jogo.

Complementando a pergunta acima, questionamos as crianças sobre como era jogar capoeira com um colega que possuía deficiência. Juma (10a.) e Camisa (8a.) expressaram em

suas falas que consideravam que jogar com ele era bom devido ao fato que ele sabia executar os movimentos e que podia dialogar com ele, o que podemos observar nas falas que se seguem: “É legal. A gente conversa, faz os movimentos” (Camisa, 8a.); “É legal, porque o Cobra é um menino muito bom nos golpes, sabe a hora” (Juma, 10a.).

Morcego (8a.) respondeu que era bom jogar com os colegas que têm deficiência, porém, ao buscar exemplificar com quais colegas com deficiência que jogava capoeira, relatou os nomes de participantes do projeto que não possuíam deficiência, o que nos mostra que Morcego não compreendeu a pergunta ou ficou confuso.

Juma (10a.) e Camisa (8a.) quando questionados sobre como interagiam com o colega com deficiência nas aulas, nos disseram que jogavam em pé e o colega no chão, contudo, mesmo assim, afirmaram que conseguiam realizar todos os movimentos da capoeira. Isso acontece devido ao fato do colega ao qual se referiam (Cobra, 7a.) possuir deficiência física nos membros inferiores e, com isso, durante as aulas, realizar os golpes e esquivas da luta no chão.

Por meio das verbalizações das crianças sem deficiência acerca da relação de afetividade que as mesmas possuem com os colegas com deficiência, foi possível perceber que as mesmas utilizavam-se de situações objetivas da realidade vivenciada nas aulas de capoeira para falar sobre as diferenças que percebiam existir entre elas e os colegas com deficiência e, para tanto, apoiavam-se nas ações próprias do contexto das aulas, como, por exemplo, no momento da execução das atividades/exercícios solicitados pelo instrutor. Além disso, observa-se a inexistência de manifestações discriminatórias referentes às diferenças que os colegas possuem, bem como pelo fato de que as mesmas em suas produções gráficas destacaram seus colegas, inclusive detalhando-os com suas características pessoais (cabelo enrolado, cadeira de rodas, andador e etc.). Isto ficou mais evidente no desenho de Gigi (12a.) onde ela desenhou os alunos com deficiência que participaram do projeto de extensão logo no seu início.

Acerca do relacionamento das crianças (com e sem deficiência) é possível analisar que as crianças sem deficiência percebem e compreendem a diferença nos movimentos de capoeira realizados com os colegas com deficiência, destacando a maneira como jogam. Entretanto, apontam que esta diferença não atrapalha nas realizações dos movimentos da capoeira, explicitando a compreensão de que as pessoas com deficiência podem fazer as aulas deste importante elemento da cultura corporal adaptado às diferenças de cada um.

Outro dado que cabe ressaltar diz respeito ao fato de que todas as crianças demonstraram em suas falas que o colega com deficiência participava das aulas de capoeira, mesmo que de forma diferente, evidenciando que percebiam que eles conseguiam realizar as

tarefas solícitas e que podiam aprender. Assim, percebemos as crianças sem deficiência dando destaque aos atributos das crianças com deficiência como, por exemplo, a habilidade em realizar os movimentos da capoeira, circunstância que pode influenciar nas relações entre elas, pois as crianças acolhem mais facilmente os colegas com deficiência com os quais podem compartilhar alguma situação (ARAÚJO, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os participantes da pesquisa não tenham conseguido expor uma compreensão clara sobre “deficiência”, foi possível perceber, que, para as crianças que tentaram elaborar o conceito, a deficiência está relacionada a alguma diferença a qual na maioria das vezes é visível e representada pela falta de alguma parte do corpo, pela utilização de algum equipamento, pela falta de algum sentido (visão, audição, por exemplo) ou pela evidência de diferenças marcantes no corpo. Portanto, as crianças apresentaram uma visão que se aproxima da concepção biomédica de deficiência.

Entendemos que a visão apresentada pelas crianças participantes do estudo parte tanto do conhecimento advindo do convívio diário nas aulas de capoeira, quanto daquele que as recebem em outros espaços sociais.

Salientamos a importância de que nos ambientes inclusivos seja necessário realizar debates e reflexões, com vistas a desconstruir os paradigmas e preconceitos em relação à pessoa com deficiência, fazendo com que as pessoas interajam e não somente convivam com este grupo, contribuindo para a almejada sociedade inclusiva.

Nesse sentido, ações como a do Projeto de Extensão “Capoeira Inclusiva: Gingando e Superando” são essenciais para a promoção da desconstrução de ideias predominantes nos espaços sociais, pois apesar da concepção de deficiência, na perspectiva das crianças, estar mais relacionada a limitações física e/ou mental, a experiência no Projeto possibilitou a elas o contato com outras crianças e pessoas com deficiência que, mesmo com suas limitações, praticam a capoeira. Nesse contato, a partir da fala das crianças, percebemos que a deficiência não mais é vista como uma limitação, pelo fato de relatarem que a deficiência não impossibilita que colegas com deficiência joguem capoeira.

Consideramos significativo que se tenha mais investigações que apontem os olhares das crianças, mais especificamente acerca da deficiência, com a finalidade de contribuir para o debate, bem como na busca de perceber quais são as compreensões deste grupo que, também,

é parte integrante da sociedade, goza de direitos e que está imerso em ambientes inclusivos (escola, família, bairro, etc.).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. V. **Concepções de crianças acerca dos colegas de classe em salas de inclusão e as implicações na constituição do grupo**. 2002. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2002.

FRANÇA, T. H. de P. M. **Deficiência e pobreza no Brasil: a relevância do trabalho das pessoas com deficiência**. 2014. 336 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014. Disponível em:

<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/27101/1/Defici%C3%Aancia%20e%20Pobreza%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2018.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 14 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002. p. 67-80.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 80p.

NATIVIDADE, M. R. da; COUTINHO, M. C.; ZANELLA, A. V. **Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural**. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, jan./jun.2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v1n1/v1n1a02.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

OMOTE, S. Deficiência e não-deficiência: recortes do mesmo tecido. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Piracicaba, v.1, n.2, p. 65-73, 1994. Disponível em: http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista2numero1pdf/r2_art06.pdf. Acesso em: 15 ago. 2016.

SABINO, T. F. P. **Sentindo-se saudável com a capoeira: uma visão fenomenológica a partir de pessoas com deficiência**. 2014. 123f. Dissertação (Mestrado em Motricidade Humana) – Programa de Pós-Graduação em Motricidade Humana do Instituto de Biociências de Rio Claro. Universidade Estadual Paulista/UNESP. Rio Claro/SP. 2014. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108760/000767716.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 ago. 2016.

NOTA SOBRE AUTORES

João Paulo Cunha Ribeiro

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (UFG/RC). Bacharel em Educação Física pela Faculdade Leonardo da Vinci - UNIASSELVI.

Especialista em Fisiologia do Exercício e Treinamento Esportivo pela Faculdade Leonardo da Vinci – UNIASSELVI.

E-mail: joao_paulocunha@outlook.com

Lana Ferreira de Lima

Doutora em Educação. Laboratório de Atividade Física Adaptada e Grupos Especiais - Curso de Educação Física – Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

E-mail: lanaf12002@hotmail.com

Thimoteo Pereira Cruz

Licenciado e Bacharel em Psicologia e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (UFG/RC). Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal de Jataí (UFJ).

E-mail: thimoteocruz@gmail.com